



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística  
e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 4

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:  
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MIDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida	
Roberto Max Louzeiro Pimentel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIDATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISAÇÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091016</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.04819091017	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
Iêda Maria Loureiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.04819091018	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>202</b>
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
Rousejanny da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091019	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>208</b>
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
Fernando Bueno Catelan	
DOI 10.22533/at.ed.04819091020	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>217</b>
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio	
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes	
DOI 10.22533/at.ed.04819091021	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>227</b>
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
Tarcila Lima da Costa	
Fernanda Maria Macahiba Massagardi	
DOI 10.22533/at.ed.04819091022	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>238</b>
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
Laura Paola Ferreira	
Fabrício Andrade	
Aline Choucair Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.04819091023	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>247</b>
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
Adonai da Silva de Medeiros	
Elielson de Souza Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.04819091024	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>266</b>
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
<a href="#">Carolina Nogueira-François</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>277</b>
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
<a href="#">Cristina da Conceição Resende</a>	
<a href="#">Victor Hugo Neves de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>283</b>
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
<a href="#">Larissa de Pinho Cavalcanti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091027</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>295</b>
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
<a href="#">Amanda Aguiar Ayres</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091028</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>306</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>307</b>

## SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES

**Tarcila Lima da Costa**

UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Departamento de Artes e Representação Gráfica- Bauru-SP.

**Fernanda Maria Macahiba Massagardi**

UNICAMP, Grupo de Educação para a Paz, Laboratório de Psicologia Genética – Campinas-SP.

**RESUMO:** A partir de uma descrição circunstanciada do cotidiano familiar, este artigo aborda a educação informal como possibilidade de interação afetiva e criativa entre seis irmãos. Esta se deu através de uma prática artística cuja temática e fato decorreram de uma cirurgia realizada nas pernas por uma das crianças. A cirurgia foi seguida da colocação de gesso, que se fez suporte para a inscrição de desejos relacionados ao coletivo. Discute-se aqui a potência da arte e da poética do cotidiano em grupo familiar como caminho de sensibilidade na vivência da estética das relações.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte; cotidiano; afetividade.

### WE ARE SIX: DAILY ART AND POETICS IN THE AESTHETIC OF RELATIONSHIPS

**ABSTRACT:** From a detailed description of family everyday life, this article approaches

informal education as a possibility of affective and creative interaction among six siblings. This occurred through an artistic practice whose subject matter and fact resulted from a surgery performed on the legs by one of the children. The surgery was followed by the placement of gypsum, which was supported for the inscription of wishes related to the collective. Here we discuss the potency of art and the poetics of daily life in a family group as a path of sensitivity in the experience of the aesthetics of relationships.

**KEYWORDS:** art; daily; affectivity.

### 1 | INTRODUÇÃO

O menino é o pai do homem

William Wordsworth

O presente trabalho foi apresentado e consta nos anais do XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB), realizado em 2018 em Brasília-DF, cujo tema central foi “Ações políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações”. A semelhança deste artigo com o renomado romance de Maria José Dupré, publicado em 1943, atém-se ao fato de que descreve uma família que reside no Estado de São Paulo, na qual cada indivíduo apresenta suas características singulares num cotidiano

que, não raro, reflete a realidade de inúmeras famílias brasileiras.

Se no supracitado romance o número seis inclui os pais, neste artigo tratamos de seis irmãos. Também vale ressaltar que o verbo foi propositadamente modificado. Enquanto o passado remete às perdas sequenciais, o que já não existe mais, cenas frequentemente narradas no romance; no presente o verbo adquire potência de Ser, na medida em que falamos de uma ação conjunta no agora, de relações interpessoais que expandem a vida e registram seus afetos em um suporte inusitado no âmbito artístico, mas comum na história de tantos que sofreram fraturas e cirurgias durante a infância e adolescência: o gesso.

Apesar de aparentemente corriqueira, esta experiência guarda seu valor na possibilidade da descoberta de aspectos relevantes das afinidades humanas, em um mundo contemporâneo no qual, tanto o tempo cronológico quanto o psicológico carregam impressas a velocidade e a fratura/cisão das relações. Aqui, paradoxalmente, a ruptura/corte apresenta a religação. Etimologicamente, a palavra *religare*, do latim, é intimamente relacionada à religião, no sentido *lato* do termo. Ou seja, estamos no âmbito do sagrado das relações humanas.

## 2 | PRIMEIRAS PALAVRAS

Quando eu era menino, os mais velhos me perguntavam:

- Que é que você quer ser quando crescer?

Hoje não perguntam mais.

Se perguntassem, eu diria que quero ser menino.

Fernando Sabino

Em termos atuais, a composição da família neste caso, trata de núcleo com pai, mãe e seis irmãos: R., 19 anos; T., 15 anos; G., 13 anos; N., 9 anos; K., 7 anos e H., 4 anos. Atualmente, o mais comum é a proliferação de filhos únicos, justificados pelo *modus operandi* do cotidiano, ao contrário do que acontecia no passado, habitado por famílias numerosas em casas de muitos quartos. Também este é um fator relevante quando analisamos as dificuldades das relações interpessoais em diversos âmbitos. A aprendizagem entre pares, que se dava em ambiente familiar entre irmãos, está esgarçada e, porque não dizer, inexistente, em muitos lares.

Outro aspecto a ser considerado é que, até a década de 80, aproximadamente, os papéis sociais eram mais definidos, no chamado por Hall (2006) de sujeito sociológico, enquanto hoje, no sujeito pós-moderno, as identidades são fragmentadas, ou seja, assumimos muitos papéis num contexto social. Uma família com seis filhos nos dias de hoje costuma causar espanto, principalmente ao se considerar o detalhe de não serem biológicos, mas terem sido adotados. Tal detalhe amplia aqui os sentidos

da narrativa ao considerarmos as histórias de contextos diversos que cada um dos irmãos previamente carrega consigo. Carregar um passado e ter uma história para contar já em tão tenra idade é precisar também de ouvidos que escutem, e nada melhor que o ouvido de um irmão que também tem uma história para contar para ouvir e compartilhar com a sua... E quem se espanta com o número seis não imagina a riqueza possível de ser vivenciada num grupo heterogêneo de irmãos, incluindo os exercícios permanentes de tolerância, de compreensão pela condição do outro, cumplicidade e tantas outras belezas que permeiam o cotidiano.

### 3 | NÓS E NOSSAS CIRCUNSTÂNCIAS

Creio cada vez mais que o que temos realmente, o que é nosso e somente nosso, é a vida. As pessoas dizem que a felicidade é rir o tempo todo, desfrutar de bom ânimo ou de um filé de vitela[...] coisas assim. Isso é estúpido. É preciso um contraste para que possamos desfrutar. Isso é a vida! Viver é tomar a vida absolutamente, tal como ela é.

Arthur Rubinstein

Tomando de empréstimo a conhecida frase “eu e minhas circunstâncias”, de ORTEGA Y GASSET (1967), podemos afirmar que não apenas no singular, mas no plural, estamos sempre sujeitos às eventualidades impostas pela realidade. Dessa forma, a construção do coletivo, da família, no decorrer dos anos, é sempre hibridizada por acontecimentos que exigem adaptações e reorganizações diárias e desejos de ser. Dito isto, no ano de 2018 a rotina familiar foi tomada de assalto por uma dessas conjunturas. G, 13 anos, tem paralisia cerebral espástica que acomete os membros inferiores e superiores (tetraparesia) e precisou fazer um enxerto ósseo nas pernas devido a uma atrofia gerada por sua condição. Aproveitando a desistência de um paciente do hospital a família foi mobilizada para uma cirurgia de encaixe na vaga, devendo fazer exames e demais preparativos cirúrgicos logo no dia seguinte ao contato telefônico. Em meio a essa turbulência, houve uma falha na comunicação entre os profissionais de saúde e a família, não ficando clara a dimensão da cirurgia e como o cotidiano familiar seria afetado após a mesma. Cirurgia feita e o no quarto do hospital o susto diante da extensão do gesso indo das coxas até os pés de G., imobilizando-o quase que totalmente. Além da enorme dor que o fez ficar fortemente medicado durante vários dias e que gerou ainda maior comoção no grupo familiar.

O que significa um corpo deitado que assim deverá permanecer por pelo menos 45 dias? Um corpo, diga-se, que anteriormente, ainda que dependente de uma cadeira de rodas e pertencente a um sujeito com déficits cognitivos, era um corpo que se compreendia no espaço e se enxergava ativo na relação com as pessoas. Como possibilitar que esse ser, com déficit cognitivo (mas sujeito de si) reconheça e identifique novas formas de se relacionar, acolher e ser acolhido, a partir de sua imobilidade no espaço?

## 4 | A ARTE COMO PROMOTORA DA AFETIVIDADE FAMILIAR (E VICE-VERSA)

da mão que pinta  
da garganta que canta  
- onde foram cárceres~  
nasça o espaço  
comunal da paz  
compartilhada-  
da arte: gesto (pintura) ou  
(poema) fala:  
que se comporte  
Haroldo de Campos

A primeira decisão, tomada ainda no hospital após o susto com a extensão do gesso: onde G. passará os próximos 45 dias? Pode apenas permanecer deitado. Assim deveria ser no quarto, na cama. Isolado de tudo e todos? Não. A família urgentemente acomoda uma cadeira acolchoada e reclinável na sala, que passa a ser o novo espaço de G, onde ele pode ouvir música, interagir com todos que por ali passem e tocar instrumentos. Eventualmente a família se reúne ao seu redor para fazer cantorias enquanto ele bate com uma colher de pau em um pandeiro apoiado sobre sua barriga, acompanhando ritmicamente a música. Após G. ter sido instalado em casa, foi notório o interesse dos irmãos, que expressaram o desejo de escrever no gesso, prática usual entre as crianças.

Deixar uma marca não é atividade recente. Desde as cavernas de Lascaux ou Altamira, o suporte exerce sobre o homem uma atração única. Não foi diferente neste caso. Sensíveis à condição de G. desde o início as crianças mencionaram o desejo de riscarem no gesso do irmão. Seria preciso esperar um momento e condições adequados quando as dores de G diminuíssem e fosse possível maior manipulação de seu corpo. O desejo de criação deveria ceder à sensibilidade diante da condição passageira de dores intensas de G.. Podemos nos lembrar dos escritos de Fayga Ostrower que acerca de criação e sensibilidade, nos diz: “a criação se articula principalmente através da sensibilidade”, a qual é compreendida pela autora da seguinte maneira:

[...] baseada numa disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. (OSTROWER, 1978, p. 12).

A espera sensível do melhor momento ocorreu de forma natural. Num domingo, crianças ativas que são, buscaram as tintas para uma farra no quintal. Pintaram primeiro papéis e, num piscar de olhos, pintaram também seus corpos (Fig 1.). Transformaram-se em heróis, em corações, em índios e fizeram poses diversas para

fotos e vídeos, rapidamente registrados. E G., o irmão? Já não sentia tantas dores e aguardava na sala pedindo pra fazer também. Agora era a hora.



Fig 1. Crianças com a pintura corporal

Fonte: Arquivo pessoal

A mãe, mediadora e professora, conhecendo a aspiração dos filhos, aproveitou a situação e uma breve história sobre a artista Frida Kahlo foi contada. Também foram mostradas imagens do gesso que cobria o corpo da artista e que foi pintado por ela própria (Fig. 2). Na sequência foram lançadas as perguntas: “o que vocês desejam para G?”, “se pudessem traduzir o que desejam pra ele, qual imagem seria?”, “que cores teria?”. Então foi distribuído papel para que elaborassem um traçado inicial de suas ideias. Em pouco tempo apareceram flores dentro de um coração com asas, corações, muitas cores, riscos e outros registros. Depois prepararam um espaço na sala para desenharem no gesso/pernas de G. Todos a postos! Lápis de cor aquarelável, música ao fundo e a família o redor de G.. Ao rever os registros percebe-se que as músicas que complementam a atmosfera são de um antigo disco de vinil de Mercedes Sosa onde tocam músicas como “Sueño con Serpientes” (“... Pero se destruye cuando llego a su estómago, y planteo con un verso una verdade” de Silvio Rodriguez) e “Guitarra Enluarada” (“La voz que canta una canción, si es preciso canta un himno, libertad.” de Marcos Valle), verdadeiros hinos que evocam a arte e o amor como caminhos de liberdade. Foi estabelecida uma grande sinergia, um momento intenso e único, de delicadeza, cumplicidade, afeto e compreensão.



Fig 2. Frida Kahlo pintando seu colete de gesso

Fonte: <https://www.audaces.com/o-closet-de-frida-khalo/>.

Enquanto o processo acontecia, eram nítidas a delicadeza e a união familiar. G. ficou encantado pelo fato de as pessoas estarem ali com ele, fazendo desenhos de bem querer. O sentimento de entrega de todos foi indescritível, bem como as (muitas) risadas naquele momento afetivo (Fig.3). Assim, concretiza-se o conceito sheakespeariano do espelho que, “mostra à virtude sua própria expressão [...]” (CAMPBELL, 2010, p. 23)



Fig 3. Momentos da pintura do gesso de G.

Fonte: Arquivo pessoal

Todos participaram da ação, incluindo o pai, a mãe e os irmãos. O irmão mais velho, R., achou um jeito de molhar na tinta e carimbar as patas dos cachorros da família no gesso de G. também. Interessante notar que inclusive T., que tem deficiência mental, fez grande esforço de concentração para desenhar suas lindas bolinhas e garatujas. Cada um ali estava com o seu tempo, com seu desejo, sua entrega, seu desenho único, seu sorriso, debruçados sobre o gesso, enquanto G. sorria com os olhos brilhando e se esforçava para segurar o lápis, e desenhar sobre sua própria perna, junto aos desenhos dos irmãos (Fig.4). O momento se transformou em uma celebração familiar.



Fig 4. G. buscando lápis para pintar sua perna e detalhe do desenho de N. no gesso

Fonte: Arquivo pessoal

Tal assertiva acorda com Tolstói (2002, p. 23), que afirmava ser a arte “um meio de unir os homens através dos sentimentos em comum, indispensável para a vida e progresso do bem-estar dos indivíduos e da humanidade.” Além disso, está em cena a ludicidade que, de acordo com Pereira (2011, p. 78), “oferece possibilidades para o processo de expansão, de maior conhecimento de si, de restauração de um estado de inteireza, de maior centramento, de estar bem.” Podemos também associar à Ostrower (1978, p.9), para quem uma das finalidades de nosso fazer criativo é a de ampliar a experiência de vitalidade em nós mesmos.

Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que ampliamos em nossa abertura para a vida. (OSTROWER, 1978, p.28)

Não há palavras capazes de traduzir a alegria e inteireza daquele momento de criação. Uma entrega que visivelmente ampliou em sentidos e significados existenciais tanto para G., que desenhou e recebeu sobre si tantos desenhos, quanto para os que participaram da ação. O que nos aproxima do conhecido conceito de Dewey (2010) em seu capítulo a respeito da arte como experiência: “temos uma experiência singular quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução” (DEWEY, 2010, p.109) ou em outras palavras, quando ela se apresenta em sua completude. Como nos diz Rizzi (1999, p.129) a respeito do conceito de experiência de Dewey “esta qualidade única que penetra toda a experiência é a qualidade estética. Para ele toda experiência completa tem qualidade estética”.

Daí que se depreende que a proposta de experiência aqui mencionada e que tem como base a sensibilidade sobre o cotidiano e as relações, pode configura-se como estética para além da atividade artística.

Quando questionada acerca da experiência, N., nove anos, disse: - Eu acho que estamos ajudando ele [sic] a se curar. Tudo o que a gente desejou para ele está lá na perna dele e vai fazer ele [sic] melhorar mais rápido.

Segundo Kujawski:

A realidade é constituída pela matéria social das crenças [...] As ideias nós as temos. Nas crenças nós estamos. As crenças constituem a base de nossa vida, o terreno sobre o qual ela acontece. Porque elas nos põem à frente do que é a realidade mesma. Toda nossa conduta, inclusive intelectual, depende do que seja o sistema de nossas crenças autênticas. Nelas 'vivemos, nos movemos e somos.' (KUJAWSKI, 1994, p. 26).

A intencionalidade, voltada para o afeto, gerou marcas não apenas gráficas, mas também emocionais. Durante o processo criativo pudemos perceber que “o homem não é mais artista, tornou-se obra de arte.” (NIETZSCHE, 2007, p. 13).

Assim, precisamos dizer que podemos complementar Oscar Wilde quando afirmou que a arte imita a vida. Não é somente a arte que imita a vida ou a vida que imita a Arte. A arte é a própria vida no jogo das relações interpessoais das crianças. Nesse caso, relações que ampliam a vida e produzem cuidado. Na área da saúde o termo *cuidado em saúde* é utilizado para se referir a atenção às necessidades singulares dos sujeitos para a constituição de sua saúde, naquilo que implica o seu estar no mundo e sua forma de conduzir a vida (PINHEIRO, 2018; MERHY, 2013). Em trabalho voltado para a percepção da produção de cuidado a partir da arte, Costa (2016) utiliza as expressões “arte como cuidado” e “cuidado como arte”. O primeiro diz respeito à potencialidade do fazer artístico como um caminho para ampliação de vida (OSTROWER, 1978) e tal ação ser considerada em si mesma uma produção de cuidado em saúde. Já a segunda expressão, “cuidado como arte”, diz respeito às delicadezas na percepção da relação com o outro, que identifica e põe em jogo as escolhas e os afetos, conseqüentemente produzindo cuidado em saúde também, através do que se oferece para além dos medicamentos. No caso aqui relatado é possível identificar ambos os conceitos. A arte produziu cuidado em saúde ao favorecer que G. desenvolvesse uma melhor relação com sua condição momentânea. Ao mesmo tempo, a sensibilidade do grupo de irmãos, a espera do melhor momento, a certificação de que a ação seria benéfica de fato para G., a atenção em pensar sobre o que G gostaria de receber em si, tudo isso exemplifica com clareza o conceito do cuidado como arte. Ainda para Costa “Apenas experimentando no âmbito estético, poderemos discutir e provocar uma possível “estética das relações humanas”, que se estenderia a produção do cuidado em saúde.” (COSTA, 2016, p. 37).

Importante lembrar ainda que a ideia de produção de cuidado como arte e a arte como cuidado difere da ideia de arte terapia e segue na direção da reflexão de Barbosa (2012, p.9) que considera que “todo fazer artístico tem função terapêutica”. Na aproximação entre arte e vida a função terapêutica do fazer artístico pode modificar o reconhecimento do sujeito sobre si e sobre o mundo. E o que mais se deve e se pode desejar para um sujeito pulsante engessado além de que encontre

ali caminhos de se redescobrir e ser feliz?

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Bendita a sede que arranca nossos olhos da pedra.**

**Bendita a água que nos congrega a todos em torno da fonte.**

**Orides Fontela**

Não é desconhecida a fascinação que os desenhos e o modo de desenhar das crianças exerceu e exerce nas pessoas. Coutinho (2002) revela em sua tese não apenas a admiração, mas também a iniciativa de Mário de Andrade ao colecionar e propor concursos de desenhos infantis. Também Fineberg (1997) aborda tal temática e expõe as coleções de desenhos infantis de artistas vanguardistas europeus, como Miró e Klee, incluindo obras desenvolvidas por estes fundamentadas naqueles.

Nestes 30 anos de Confaeb, cujo título “Ações políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações” (Brasília- DF, 2018), este relato tem como objetivo o contributo de uma ação de âmbito familiar. Tal ação revela o intimismo de um lar, cujas vivências são parte de uma conquista social e afetiva levada a termo pelos pais e sociedade. Considerando que vivemos tempos sombrios no quesito família, ações nucleares que se desvelam ao público podem promover um olhar atento para as residências que enfrentam distâncias impostas pelo tempo restrito e demandas contemporâneas, deslindando possibilidades poéticas e afetivas.

De acordo com May:

No entanto, essa é exatamente a essência do ser humano: no breve momento de nossa passagem pela Terra podemos amar pessoas e coisas, apesar do fato de que o tempo e a morte nos levarão a todos no final.

[...]

Entretanto, a arte criativa nos permite alcançar além da morte. (MAY, 1986, p. 70)

No site do XXVIII ConFAEB (<https://www.faeb.com.br/confaeb-2018/>) a frase “em água de peixes grandes é preciso ser cardume” salta aos olhos. Em época de sociedade de espetáculo, big brothers, mídia ostensiva e poderes outros, é preciso reunir a família, fortalecer a singularidade e ao mesmo tempo ser cardume para nadar nesses mares incertos onde, apenas a certeza de contar com o outro se faz presente em meio a tantos peixes grandes e perigosos.

Dessa forma, promover pequenas delicadezas para aqueles que habitam a mesma casa que nós, certamente é uma ação de resistência contra a maré de valores voláteis, tendências colonialistas e sem sentido. Assim, vamos “ligando o amor coisa a coisa e tudo conosco, em firme estrutura essencial. O amor é um divino arquiteto que baixou ao mundo – segundo Platão, “a fim de que tudo no universo viva

em conexão.” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p.38).

O viver em rede sugere confiança, entrega e poesia. Dessa forma, enquanto esconde o corpo que está em processo de recuperação, o gesso ‘registrado’, por atos de amor, revela os outros no irmão e o irmão em cada um dos outros, gerando toda a potência de bem querer da experiência artística. A educação dos sentidos se faz presente, significando a vida.

Está em construção a casa, no sentido bachelardiano do termo, onde “há um sentido em dizer que “escrevemos um quarto”, que “lemos um quarto”, que “lemos uma casa”” (BACHELARD, 1993, p.33). Qual é a sua leitura de casa? Ela e os cômodos que a compõem são metáforas do sentir, associadas aos cinco sentidos e à sensibilidade afetiva de nossa família. Quantos cheiros, sons, sabores, cenas e toques são revividos quando a memória é ativada a partir de um estímulo de um quarto, uma cozinha, um quintal, uma cama e tantos outros objetos e locais da casa que nos é querida?

Habita em nós um sentimento, que não pode ser traduzido em palavras, que evoca histórias, episódios cotidianos, tempos ‘metamorfósicos’, no qual as crianças tomam formas de adolescentes e adultos; algumas ideias são cristalizadas em ternura, outras não e os objetos e espaços ganham significação. Na epopeia existencial a constituição da casa é a subjetividade em construção. Bachelard afirma que

[...] às vezes a casa cresce, estende-se. Para habitá-la é preciso maior elasticidade de devaneio. [...] a casa natal é uma casa habitada. Mas, para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos.” (BACHELARD, 1993, p. 33)

Nossa primeira habitação é o útero materno. Habitamos antes de morar em uma casa concreta. Buscamos, inconscientemente, acesso a situações que tragam o aconchego de um lar. É neste espaço que o humano se move e encontra segurança. A arte, enquanto promotora da expressividade, ideias e ideais, pode ser catalisadora da poesia do cotidiano, imprimindo sentido e olhar para o outro, promovendo situações que, se mediadas, permitem o acesso a alma e sentimento humanos. É um convite à volta e, porque não dizer, ao constructo do verdadeiro lar.

E o corpo, essa casa essencial do ser, se redescobre e fortalece nas reinvenções possíveis na relação com o outro, com o espaço, com a casa, com o lar, a família e principalmente se fortalece na relação consigo mesmo. Sendo o gesso o suporte em que a condição humana emerge como tema, tem-se a autonomia, o afeto e alegria impressos, registrando a potência do momento de partilha da fragilidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. **Além do Corpo**: Uma experiência em arte/educação. [tese] Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

COSTA, Tarcila Lima da. **Cuidado em Saúde e Arte na Percepção de Estudantes de Fonoaudiologia**. [tese] Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais. Universidade de São Paulo, 2016.

COUTINHO, Rejane Galvão; FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. **A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade**. [tese] Universidade de São Paulo, 2002.

DEWEY, J. A Arte como experiência. In: DEWEY, J. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural. (1950) 2010.

FINEBERG, Jonathan. **The innocent eye: children's art and the modern art**. Princeton University Press, 1997

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **O sagrado existe**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.

MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MERHY, Emerson Elias. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde: uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. In: **Trabalho, produção de cuidado e subjetividade em saúde**. Hucitec, 2013

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.

ORTEGA Y GASSET, José de. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livro Ibero-Americano Ltda., 1967).

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes. 1978

PEREIRA, Lúcia Helena Pena. **Bioexpressão: corpo, movimento e ludicidade. Unindo fios, tecendo relações e propondo possibilidades**. Curitiba: CRV, 2011.

PINHEIRO, R. Cuidado em Saúde. **Dicionário de Educação Profissional em Saúde**, disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/cuisau.html>, Último acesso em: 28/08/18

RIZZI, MCSL. **Olho Vivo: Arte-educação na exposição Labirinto da Moda: Uma aventura Infantil**. [Tese]. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo/SP, 1999.

TOLSTÓI, Leon. **O que é Arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

### B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

### C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

### D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

### E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

### F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

### G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

## I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

## L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

## M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

## O

Ópera 152, 202, 203

## P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

## R

Rede digital 184

## **S**

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

## **T**

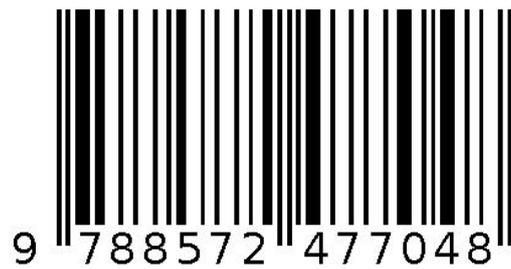
Tecnologias digitais 6

## **V**

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048